

Delírios

Ricardo Stefoni

Copyright © 2014 de Ricardo Stefoni

Todos os direitos reservados

Delírios

Edição Clube de Autores

1º edição

Antropocentrismo	7
Sem Ressentimentos.....	59
Homem com uma Missão	81
Amor Incondicional	107
Apenas um Trabalho.....	139



DELÍRIOS

RICARDO STEFONI

Delírios, por Ricardo Stefoni

Antropocentrismo

1

“As duas obras primas da Criação”

Era uma cena típica de um dia de trabalho, que acontece todos os dias, em todas as cidades.

Dois homens haviam acabado de sentar-se à mesa do pequeno restaurante. Escolheram uma mesa que ficava na calçada, onde podiam ver o movimento da rua e se deliciar com a temperatura mais agradável, já que ambos estavam usando traje social completo, com gravata e terno.

- Pena termos uma reunião agora à tarde, gostaria de pedir uma cerveja, mas não será legal chegar lá com bafo. Acho que o Português não ia gostar – disse Alvarez.

- Não, não ia – responde Leandro.

- Mas se não fosse você tomaria comigo uma?

- Não. Não gosto de beber em horário de trabalho.

- Ah, deixa de ser quadrado meu amigo! Você já está nas graças da chefia, não acho que alguém fosse se importar de você beber uma cervejinha na hora do almoço. O seu chefe mesmo já vi tomando!

- Mas eu não gosto.

Alvarez era um gordo, de aspecto relativamente nojento. Tinha um cabelo despenteado e a pele oleosa. Não era do tipo de se barbear todos os dias. Sentava como se fosse um sultão, com as pernas abertas e a

massa gordurosa que formava suas nádegas esparramadas pela cadeira. Leandro, por outro lado, era o oposto. Um sujeito almofadinha, cabelo penteado com gel, magro e com óculos, que lhe dava uma cara de intelectual. Barba perfeitamente aparada e terno impecavelmente limpo. Era engraçado imaginar que os dois estivessem fazendo um trabalho juntos.

- Bom dia – disse uma garçonete simpática, trajando um uniforme do restaurante composto por uma calça social e uma camiseta polo – posso anotar o pedido dos senhores?

- Eu ainda não decidi o que vou comer, mas gostaria de uma água com gás, por favor – disse Leandro.

- Eu já me decidi. Quero uma coca cola e o seu telefone, minha boneca – respondeu Alvarez.

- Perdão? – a garçonete já havia recebido muitas cantadas na sua vida, mas normalmente é na hora da conta, e não do pedido, de maneira que ficou realmente surpresa com a pergunta.

- Meu amigo também não se decidiu ainda – intervém Leandro.

Alvarez dá um grande sorriso cafajeste, apoiando as mãos em suas coxas gordas. Nunca espera uma resposta positiva às suas cantadas, exceto quando está em um bordel, onde às vezes elas funcionam (apenas às vezes).

- Tudo bem, eu vou pegar as bebidas.

A garçonete sai rapidamente, deixando os dois colegas na mesa. Alvarez dá uma risada alta, apoiando suas mãos na barriga, dizendo:

- Você é realmente quadrado, meu amigo! Que mal há em alegrarmos o dia da menina? Mulher adora receber cantadas, eleva o moral delas.

Leandro, que estava olhando o cardápio, limita-se a dar uma rápida encarada em seu colega, com ar de desaprovação, e volta a olhar o cardápio.

- Acho que vou pedir apenas uma salada – diz Leandro.

- Salada? Ah, qual é? Você é cada vez mais quadrado! Eu vou pedir este contra filé. Bem gorduroso e bem mal passado. Cara, não tem nada melhor do que sentir a fibra da carne se desmanchando em sua boca, enquanto o suco dela mistura com sua saliva.

- Bom para você. Mas realmente não tenho este seu apetite não.

- Ah! É que você não se deixa levar pelos seus instintos! É muito certinho! Se tá com tesão, cante uma mulher! Se quiser beber, beba! Viva mais pelos instintos, e então verá como sua fome aumentará.

Leandro, desta vez, sequer levantou os olhos do cardápio, mesmo que não tivesse lendo nada. Alvarez deu com os ombros e pegou o celular, que apitava com os e-mails que haviam chegado. Leandro então pôs o cardápio na mesa e deu uma olhada em volta, na rua movimentada daquela tarde. Havia muita coisa para ver, ao mesmo tempo em que nada realmente interessante se destacava. Carros iam, carros vinham, pessoas andavam, pessoas corriam, pessoas gritavam. De repente seus olhos viram algo que mereceu a sua atenção.

Do outro lado, saindo de uma academia de ginástica da rede “Antropocentrismo”, estava uma mulher.

Uma mulher bonita, de corpo bem desenhado, que caminhava com leveza e charme. Usava um macacão de ginástica com os logotipos da academia, indicando ser uma professora. Caminhava sozinha e despreocupada, com seu rabo de cavalo longo chacoalhando de um lado para o outro conforme seu caminhar se desenvolvia pela calçada.

Leandro estava completamente paralisado. Seus olhos estavam fixos em um objeto. Ou, mais acertadamente, dois objetos.

As duas obras primas da Criação.

A moça sem nome de macacão tinha um belo par de seios. Eram relativamente pequenos, mas bem feitos, como dois pêssegos que o decote do macacão deixava apenas uma pequena parte a mostra, o suficiente para instigar a imaginação masculina. Ela tinha também um belo par de nádegas, redondas e bem feitas, não excessivamente malhadas, eram macias, mas empinadas. Formas bem feita e bem esculpida. Tinha também um belo par de coxas, grossas e definidas, que se moldavam com perfeição no tecido justo do macacão.

Mas não eram essas as duas obras primas.

Descendo pelas pernas, onde o tecido acabava exatamente no meio do tornozelo, chegavam-se aos pés. Os pés bem feitos, acomodados apenas por dois chinelos de dedo, que se revelavam para todos os olhares. Unhas pintadas, perfeitamente aparadas. Dedos harmoniosos, delicados. A pele branquinha, lisinha, sem absolutamente nenhuma imperfeição que a maculasse.

Leandro ficou olhando fixamente para aquelas duas esculturas até a moça sem nome de macacão entrar em

um carro, que estava estacionado na rua, e ir embora. Somente então percebeu que Alvarez o chamava:

- O sonhador! A moça está falando com você?

- Como, perdão? – e só então Leandro percebeu a garçonete ao seu lado, com o bloquinho de notas na mão.

- O seu pedido senhor!

Leandro esperou alguns segundos, como se estivesse tentando pegar no tranco. Sentou a boca salivando, e disse por fim:

- Quero um contra filé. Um bom pedaço de contra filé.

2

“Pode deixar comigo! Comigo e com o meu cutelo!”

O estranho açougueiro admira o objeto em suas mãos com verdadeira adoração. Acaricia, beija, sente como se fosse um cachorrinho, que retribuísse todo o carinho que a ele é dado com a mesma devoção.

- Oh meu querido! – suspira ele, abraçando seu objeto de adoração – o que eu faria sem você? O que seria de mim sem você?

O objeto em questão é um enorme e afiado cutelo, que junto com seus impressionantes dois metros de altura e mais de cento e cinquenta quilos formam uma imagem intimidadora.

Imediatamente o açougueiro levanta a sua ferramenta, coloca a outra mão em seu peito e, soltando o ar e revelando uma voz de tenor, solta um pequeno

canto, que ecoa pelo ambiente todo revestido de cerâmica:

“Ah! O meu cutelo!
É tão belo!
Quando ele fatia!
Tem a minha empatia!”

E então, juntando novamente seu fôlego, começa a fatiar uma peça inteira que está em cima de sua mesa, cantando palavras monossilábicas que lembram golpes:

- Zack! Zump! Paff! Puft! Zarg! Duff! Back! Bump!

Repete o pequenino verso de palavras monossilábicas repetidas vezes, no mesmo ritmo que seus braços trabalham. Aos poucos a peça única de carne vai se transformando em uma porção de bifês, perfeitamente fatiados, milimetricamente. Ao redor, o piso de cerâmica branco aos poucos começa a ser tingido de sangue, assim como algumas partes dos azulejos.

Mas o açougueiro não se importa com a sujeira. Ele está feliz, fazendo o seu trabalho. É um homem que ama o que faz, e o faz muito bem.

E, novamente levando a mão ao peito e erguendo seu instrumento, agora banhado em sangue, canta:

“Ah! O meu cutelo!
É tão belo!
Ele parte os ossos!
Até mesmo os mais grossos!”

Faz uma pausa. Leva a grande e pesada lamina até a pia, onde cuidadosamente começa a lavá-lo. Passa a água, ensaboando cuidadosamente a faca, fazendo o brilho retornar, até poder enxergar o reflexo de seus dentes no metal.

- Chuá! Chuá! Chim! Chuá! Esfregar, esfregar, depois enxugar!

Ao terminar, volta a abraçar e a beijar o cutelo, como se fosse seu filho, sua mulher amada, sua própria mãe. Beija com carinho, com paixão e com adoração.

- Como você é belo, meu querido! Eu jamais deixarei que algo aconteça a você!

De repente a porta do matadouro se abre, e um homem elegante, calvo, na casa dos cinquenta anos e trajando uma roupa social completa entra no ambiente. Olha para o canto, onde ainda há um animal vivo esperando o abate:

- Trate de terminar o serviço logo, a cozinha precisa das peças!

- Pode comigo! Comigo e com meu cutelo!

O homem dá com os ombros. Já desistiu de tentar entender este sentimento há muito tempo. Assim que a porta de fecha o açougueiro canta:

“Ah! O meu cutelo!
É tão belo!
Muito bem ele corta!
Deixa a carne bem morta!”

O abate está ali, encarando tudo aquilo, acorrentado na parede. Apenas olha assustado para o

enorme açougueiro que se aproxima, com um enorme sorriso, com o cutelo afiado e pesado.

E, com um único golpe, lhe arranca a cabeça.

3

“Apenas um copo de água com gás nas mãos”

As duas garçonetes conversavam tranquilas na porta do restaurante. Ainda eram onze e meia, apesar de um ou outro cliente mais esfomeado já ter se instalado em alguma mesa.

- Menina! Não falei que ele viria? – disse uma das garçonetes, apontando para o cliente que chegara.

- Realmente! O rapaz não falta um dia!

- Ele deve ter adorado o tempero!

As duas apontavam para Leandro, que como de costume andava impecavelmente trajado em suas vestes sociais, cabelo penteado com gel. Sentou-se em uma das mesas da calçada, o que de certa forma destoava com o ambiente, já que era um restaurante simples, que servia pratos feitos a pedreiros e caminhoneiros, e Leandro não combinava com aquela paisagem.

- Hoje completam exatas três semanas desde que ele veio aqui pela primeira vez – continuou a garçonete – naquele dia ele veio com um amigo gordo e nojento, mas depois passou a vi aqui todos os dias sozinho.

- Interessante.

- Bom, vou atendê-lo.

Poucos segundos depois a garçonete estava ao lado de Leandro, que estava concentrado em seu tablet. Antes mesmo que ela pudesse abrir a boca ele já havia feito seu primeiro pedido:

- Uma água com gás, por favor. Apenas água, sem gelo ou limão.

- E para comer? - ela já sabia qual seria a resposta, mas sua função era perguntar.

- Vou esperar um pouco para pedir a comida.

E assim ela o deixou. Sabia que ele só a chamaria novamente depois do meio dia, até lá ficaria concentrado em seu trabalho. Parecia ser um trabalhador dedicado, que não desgrudava os olhos do aparelho, lendo obstinadamente todas as informações e notícias relevantes.

E o tempo passou.

A água com gás praticamente estava intocada. Ele deveria ter dado dois goles, no máximo. Não tinha tocado nos pãezinhos com manteiga que a garçonete lhe serviu, nem havia tirado os olhos de seu tablet. Como um robô, controlava suas ações e seu dia pelo relógio, e agora era hora de trabalhar.

Só quando ouviu a porta da academia da rede "Antropocentrismo" ser aberta é que ele finalmente relaxou. Colocou o tablet na mesa, desligado. Pegou sua água, aconchegou-se um pouco melhor na cadeira de ferro e cruzou as pernas. Agora seria hora de relaxar, de curtir seu almoço.

Havia três semanas, desde o dia em que teve uma reunião de trabalho acompanhado por seu colega, que sua rotina havia ganhado algo a mais. Era um homem de

hábitos previsíveis, sempre levava uma marmita para esquentar no próprio trabalho, mas naquele dia estava acompanhado, e pelo horário teve que aceitar almoçar naquele restaurante de higiene duvidosa. Desde então saía uma hora antes e pegava um taxi para atravessar o centro inteiro, só para chegar cedo e poder escolher uma mesa bem na calçada, onde teria toda a vista que queria.

Tudo para ver as duas obras primas da Criação.

Mulheres começam a sair da academia. Mulheres de todos os tipos. Mulheres velhas, que tentam conservar a forma, mulheres gordas que acham que podem comer dois brigadeiros a mais porque fizeram quinze minutos de esteira. Havia jovens adolescentes, com seus corpos em formação, havia mulheres malhadas, exibindo suas coxas. Sem dúvida, um prato cheio para qualquer admirador da beleza feminina.

Leandro estava sentindo um formigamento interno. Agarrava o copo com mais força, começava a suar. A professora de alguma aula qualquer que acabava todo dia ao meio dia, que possuía os mais belos pés que Leandro já vira, não demoraria a aparecer. E então ele imaginaria o toque naquelas formas, imaginaria o cheiro, esfregando seu nariz entre aqueles dedinhos delicados e formosos. Podia sentir sua língua passando por suas solas, lambendo vigorosamente, sem se importar se ela sentiria cócegas ou nojo. Porque para ele pouco importava aquela mulher, o seu interesse eram as duas esculturas que carregavam sua dona.

Mas naquele dia fatídico ela não apareceu.

E Leandro ficou até uma hora observando, apenas com um copo de água com gás nas mãos.